

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos associados



3.589  
52

ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO DE 1883.

N. 12.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1883.



AZ hoje um anno que se publicou o primeiro numero d'esta *Revista*.

Este facto que para os indiferentes nada significa, tem para nós muita importancia : representa muitos esforços, muita firmeza de vontade e é a affirmação plena de que *o querer é poder*.

A *Revista do Centro Litterario* é orgão de uma associação, fundada ha dezeseis mezes ; mas, durante este curto espaço de tempo tem mostrado bastante desenvolvimento, muito digno de aplausos.

E teria sido maior o seu progresso se porventura a mocidade, por quem e para quem foi creada, lhe prestasse mais auxilio ; pois, por maior que seja o desejo de progredir, nunca este poderá ser realizado completamente, se os meios fornecidos não forem sufficientes.

Grande parte, porém, da mocidade que podia auxiliar associações como o Centro Litterario, vivendo materialmente, não admite que haja superioridade entre o homem esclarecido e o obscuro ; e não comprehende o alcance da lucta que tem por fim unico conquistar a palma da victoria moral, vencendo a reluctancia do materialismo com o activar a intelligencia.

E a prova disto temol-a nós quando vemos essa mocidade preferir as distracções que lhe fallam á materia, áquellas que lhe poderiam fallar ao espírito, dar-lhe luz á razão, e elevar essa mocidade transviada—quiçá pervertida—ao lugar que lhe compete ocupar no ultimo quartel do seculo actual.

Mas essa mocidade, prefere ser o alvo de epithetos mordazes, que lhe atira a gente do *tom*, — a ser o corpo instruido e habilitado a fazer calar essas vozes de escarneo, que chasqueiam da sua nullidade.

Mas essa mocidade, prefere ser a pellota ridicula, joguete com que se divertem os *sabios* inflamados ao calor do pedantismo,—a ser uma força que se imponha, pela sua capacidade intellectual, á consideração dos que olham para ella com vaidosa sobranceria.

Prefere ser o eterno magote de gente *endiabrada*, de onde muitas vezes se destacam uns sujeitos, cuja imbecilidade transforma-os em prematuros imitadores de *D. Juan*, — a ser o grupo estudosos e morigerado, que provê a intelligencia de recursos preciosos, estimulado pelo-nobre desejo de collaborar fecundamente no progresso social.

Não nos diga essa mocidade, que não dispõe de tempo para cuidar em instruir-se ; que o que tem é pouco para fazer exercícios hygienicos.

E inverosimil este dito de esquivança, porque, em havendo boa vontade, é facil dividir o tempo, por pouco que seja ; e, seguramente, não será tempo mal empregado aquelle que for aproveitado em adquirir conhecimentos que são indispensaveis á mocidade de hoje—os homens de amanhã.

\* \* \*

O Centro Litterario é um excellente auxiliar d'aqueles que se quizerem livrar do humilhante qualificativo de—ignorantes.

Não porque seja um nucleo de sabios, mas porque é uma associação util, onde cada qual pôde pôr a sua intelligencia em acção ; já colaborando n'esta *Revista*, já ensaiando-se na tribuna, discutindo theses ao alcance de aptidões modestas—e tudo isto sem haver aquella timidez que inspira a presença de superioridades absolutas, pois, a nossa associação foi creada especialmente para aquelles que desejam fazer a sua aprendizagem litteraria.

—E, como para coroar isto, o Centro Litterario também franqueia aos seus socios unia bibliotheca, que se compõe sómente de obras de escriptores da lingua patria.

Sem querer menosprezar o que hão produzido notaveis escriptores estrangeiros, a nossa associação levantou um protesto contra o mau habito que temos, de só darmos valia a obras que nos vêm de fóra, traduzidas de linguas estrangeiras ; ao passo que a litteratura patria é tratada com indifferentismo, que chega a ser criminoso, por anti-patriotico que é.

Assim constituido, alimentando tão excellentes intenções, o Centro Litterario merece o apoio de todos os que aspiram a mais alguma cousa do que o simples —hoje inadmissivel—viver material.

\* \* \*

Por ultimo, seja-nos permitido, hoje que celebramos o anniversario da publicação d'esta *Revista*, saudar as nossas co-irmãs que militam nas mesmas fileiras em que nós militamos :—as fileiras do bem.

Saudamol-as, pois, com fraternal affecto ; e fazemos votos ardentissimos para que tenham vida prospera, livre, sobretudo, da maledicencia que costumam propagar, insidiosamente, os atrabiliarios presumpcosos desilludidos, que entram, como leões, onde farejam publicidade, mas que desertam, quaes sendeiros, em vendo quanto é preciso trabalhar, persistir, para escudar uma idéa util com todos os elementos de vitalidade, afim de tornal-a em arvore frondosissima e abundante de fructos proveitosos.

## DUVIDA

**S**E o bom senso podesse aquilatar da gravidade real do sentimento, que desponta e se engrandece n'un momento n'alma, vaso da vida, a transbordar

Da essencia subtil chamada — amor, deixava o coração de ser o élo que prende a terra ao céo, o grande ao bello, que vae cantar hosanna ao creador,

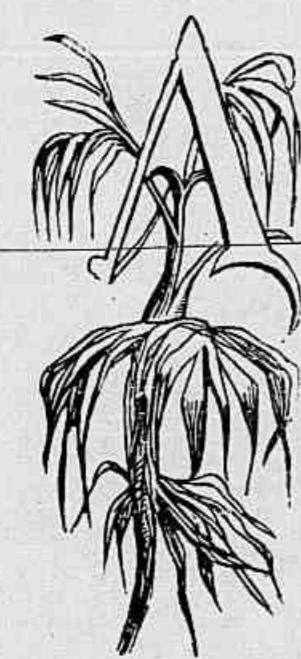
N'esse throno real erguido em meio da excelsa natureza, o vaste seio aonde a alma universal palpita :

Seria a vida o poema da desgraça, mariposa inconsciente que esvoaça e só a luz da realidade agita !

ARARY.

## A IMMIGRAÇÃO CHINEZA

## I



INDA não são bem conhecidas as feições proeminentes da civilização chineza, d'esse povo que só consentiu em ser observado pelo estrangeiro, depois que as baterias fluctuantes da soberba Albion derrocaram as famosas muralhas que o separavam dos demais povos civilizados, e em cujo convívio teria sido incitado a evolucionar-se, como os outros povos cultos, para a realização da mais nobre e generosa aspiração do espírito humano — a solidariedade de todos os povos civilizados.

Haverá alguém que não tenha sentido indignação ao reconhecer que a China, estacionaria ha mais de dois mil annos, tem sido e continuará a ser um obstáculo poderoso à confraternidade humana ?

Haverá algum pensador que não se tenha revoltado intimamente, ao pensar que a Ásia, que todos os dias multiplica o numero dos seus habitantes, hâde vir um dia disputar aos *barbaros* do occidente a parte do globo que elles ocupam, e na qual se tem desenvolvido uma civilização, a meu ver, muito superior á dos possuidores do *rabicho* ?

Que organismo social se não sentirá em perigo, ao ver que os seus membros mais poderosos, porque representam o capital, tratam de propagar o advento de trabalhadores asiáticos, os quales, embora pareçam on sejam muito submissos e até servis, no periodo iniciativo, tornar-se-hão um dia poderosos e ricos, e esse dia será o da vingança de uma raça que odeia devéras a nossa civilização?

Que operario se não sentirá ameaçado pela miseria, ao saber que, do oriente, antigo berço da civilização da humanidade, hão de vir, dentro em pouco tempo, ondas enormes de barbaros de nova especie, para aniquilar-o pela concorrência e pelo aumento da offerta de trabalhadores?

No dia em que as raças asiáticas se apoderarem das nossas industrias, do nosso commercio e da nossa lavoura, uma de duas : ou a nossa raça será reduzida á escravidão, ou morrerá de fome.

E' em virtude das sonhadas vantagens do trabalhador asiático, que os grandes donatários do Brazil se congregam para mandar buscar chins, ou por outra, para ver se conseguem estabelecer uma corrente de imigração chineza para o Brazil, sacrificando d'esse modo

aos interesses particulares, os sagrados interesses da Patria, da civilização e da nossa raça.

Para os adeptos da imigração chineza, o dinheiro é uma religião, e elles, como sacerdotes apaixonados d'essa religião satânica e immoral, sacrificam, sem escrupulo, as aspirações de um povo que se civilisa, os interesses da justiça e a felicidade da patria.

## II

Quando o governo inglez conseguiu levar ao imperio do Meio o seu commercio, os povos do occidente sentiram-se momentaneamente deslumbrados, porque pensaram no advento provável de um mercado para as manufaturas das suas fabricas ; mas, a esse entusiasmo prematuro sucedeu imediatamente a reflexão, que os advertiu do engano em que tinham cahido.

O povo chinez, apesar de ter sido obrigado a comerciar com a nação ingleza, continuou a nutrir aversão pelos *barbaros* do occidente.

E' assim que elles appellidam os europeus.

Depois que a China deu acesso ao commercio inglez, os amigos da civilização da nossa raça, observaram que, pelas fendas que a política ingleza abriu na costumeira chineza, principiava a imigrar, dirigindo-se para o nosso lado, a escoria de uma população de quinhentos milhões, e que essa imigração trazia para o seio da nossa sociedade a perturbação económica, a bigamia ou prostituição da família, a centralização administrativa ou o governo absoluto, e o atrofamento, por falta de aspiração à perfectibilidade da personalidade humana.

Foi em virtude de tão extraordinário *rabicho* moral do imigrante chinez, que os povos do occidente estremeceram, como se lhes estivesse batendo ás portas uma nova invasão de barbaros.

Não é meu intuito dizer que o chim seja um tipo perfeitamente barbáro; mas também não posso deixar de consignar, neste mal elaborado artigo, que elle é muito peor do que isso.

O chim é um ser profundamente degradado ; porque, de Confucio para cá, ainda não adiantou um passo sequer para emancipar-se do *fetichismo*, que só é proprio dos povos que não conseguiram passar da infância da civilização.

O chim ainda não pôde abolir a *serpente tragadora*, nem a *casa das ossadas* — origem das perniciosas superstíciones a que ainda hoje estão sujeitos os habitantes da China.

Não me atreverei também a dizer que os povos vindos do norte da Europa eram civilizados, porque se o dissesse mentia ; mas, o que eu não posso calar é que os barbaros, apesar de victimarem todo o occidente, a golpes de frankisk, não foram perniciosos á nossa civilização, porque depois de se assimilarem a ella, ampliaram-n'a.

Mas, poderemos esperar que os chins nos façam um mimo de elementos de prosperidade, que possa equiparar-se áquelle que a nossa civilização recebeu dos barbaros do norte ?

Não acredito que isso aconteça, porque o chim não virá, como veio o barbáro, travar lucta comosco no campo de batalha, nem impôr á nossa sociedade costumes de austera moral.

A lucta que o chim pretende encetar com a nossa civilização, é puramente económica, e da qual sahirá vitorioso ; porque consumindo muito menos do que o nosso trabalhador, produz tanto, em trabalho, como elle.

A concorrência em condições tão favoraveis ao chinez e tão desfavoráveis ao nosso proletario — dará áquelle o papel de senhor e a este o de escravo. Eis o perigo que ameaça, neste momento excepcional, a raça caucasiana e a sua civilização na America.

ANTONIO DE SÁ.

## EMFIM!

Já, enfim, chegou o dia  
De realizar meus desejos:  
Na face dar-te mil beijos,  
Tua voz dar-me alegria;

Ao som do teu violino  
Ouvir teus cantos suaves,  
Despertar em doce trino  
Como o gorgojo das aves.

Deu-te Deus esse primor:  
Teu canto traduz amor,  
Desterra a melancolia.

Canta, sim, que o teu cantar  
Não cessa de me lembrar  
O canto da cotovia.

ALVARO BAPTISTA.

## OS IMITADORES



o meu fraco modo de pensar, o individuo que se intitula escriptor e imita as obras litterarias dos auctores da moda, confessa que é pauperrimo estylista e que não é capaz de escrever sobre qualquer assunto com a devida originalidade.

O imitador não revela na obra que milagrosamente engendra, o que intimamente sente; e o que nos interessa no romance, no folhetim, no poema, na obra litteraria, enfim, é o modo de sentir do seu auctor, a emoção que lhe causam os factos que analysa como critico, como moralista, como adepto apaixonado de algum principio philosophico, ou como racionalista do melhor quilate, estribado na imparcialidade imposta pela soberania da razão e pela rectidão da justiça

Assim, pois, é intuitivo que o desenvolvimento de qualquer litteratura sofre muitissimo, quando os littératos de intelligencia pouco energica, inimigos do mais pequeno esforço intellectual, deixam em santa paz e demorado soeego a originalidade, e imitam, sabe Deus de que modo, as obras dos grandes escriptores, seguindo os mesmos passos que elles seguiram, desenvolvendo as mesmas idéas que elles desenvolveram.

Da imitação resulta que a litteratura perde a naturalidade que a todo transe deve manter impolluta, quer interpretando as tradições populares, quer reproduzindo com fidelidade a sociedade do seu tempo e applicando ás monstruosidades sociaes o castigo merecido.

Quando uma litteratura é invadida pela monomania da imitação, acontece-lhe o mesmo que aconteceu com a litteratura hespanhola, quando esta foi desnaturalizada pelo apedrejismo dos imitadores de Gongora, isto é, dos imitadores do seu estylo excessivamente hyperbolico.

O gongorismo foi uma escola litteraria fóra de toda a naturalidade, porque á guisa da cortesã de todos os tempos, ambicionava requestar o mundo afidalgado, com a falsa riqueza de seus adornos, esquecendo-se de que o bello é simples e natural.

E' opinião minha que a imitação só excepcionalmente poderá produzir bom resultado, isto é, quando a intellectualidade do imitador fôr superior á do imitado; mas, ainda neste caso, o imitador não é mais que um ampliador consciente dos trabalhos alheios.

J. B. Almeida Garrett escreveu e publicou em folhetins as mimosas e elegantes *Viagens na minha terra*; houve logo quem o imitasse—mas que imitação, santo Deus! Não passou de uma *macaqueação* desavergonhada das bellas narrações e interessantes anecdotas do immortal autor da *D. Branca* e do *Camões*.

Finalmente, a prova de que os imitadores das *Viagens na minha terra*, nada lucraram com a imitação, é que Almeida Garrett passou a viver na memoria da posteridade e os imitadores das suas obras só conseguiram da posteridade o esquecimento.

Convenho que nos seja permittido entrar nos templos hellenicos para ouvir os cantos do divino Homero, e que entremos no theatro grego para assistir á exhibição das concepções de Aristophanes.

Convenho que ouçamos o inspirado cantor da *Eneida*, e que nos demoremos a meditar as *Satyras* de Juvenal.

Convenho que escutemos o estro sublimado do maior épico dos tempos modernos—Luiz de Camões, e que entremos nos paços de D. Manoel e D. João III para ver representar os *autos* de Gil Vicente—o fundador do theatro portuguez.

Convenho, finalmente, que procuremos enriquecer as nossas faculdades intellectuaes com as fecundantes lições dos grandes mestres; mas no que eu não convirei de forma alguma é que os imitemos, porque entendo que a imitação perturba a evolução das litteraturas.

Se algum escriptor contemporaneo, embora possuidor de uma intelligencia phenomenal, tivesse a extravagante idéa de imitar a *Illiada* de Homero, o *theatro* de Aristophanes, a *Eneida* de Virgilio, as *Satyras* de Juvenal, os *Luiziadas* de Camões ou o *theatro* de Gil Vicente, seria obrigado a fugir desairosamente diante dos apupos da critica moderna, como aconteceu com o Sr. João Felix, quando elle tentou impingir ao mundo illustrado uma *droga* litteraria, a que dava o nome ou titulo de *Luiziadas do seculo XIX*, que, afinal de contas, não passava de uma parodia bem triste da obra monumental do grande épico.

A imitação, além de tudo, é perniciosa ao desenvolvimento intellectual de qualquer povo, porque impede que as faculdades observativas se manifestem na maxima plenitude e não deixa que as tradições populares se desenvolvam no cultismo nacional, tornando a litteratura autonoma, isto é, emancipando-a dos moldes estranhos.

Imitar as obras litterarias de outrem é uma vergonha; produzir com originalidade é uma gloria.

*Jacta est alea.*

Rio, 30—9—83.

NIHIL.

## INTIMOS

**U**m rapazola em cuécas,  
n'um quintal, muito lampeiro,  
distribué milho ás marrecas  
ao sahir do gallinheiro.

Pensativa e debruçada  
na varanda entre a latada,  
com seu rosto todo amores,

Na cosinha, decidida,  
uma senhora inda sã,  
guarda os restos da comida  
p'r'o almoço de amanhã.

Sobre um vaso de cravina,  
a *sinhá*, bella menina,  
suspira beijando as flores.

DUARTE PORTO JUNIOR.

## O 216

(A. T.)

O acaso, que domina e move tudo,  
Que a sorte me dirige, occultamente,  
Invisivel, impalpavel, sempre mudo,  
Obriga-me a sentir por quem não sente.

Um teu sorriso, a febre delirante  
Que arruina, consome e enlouquece,  
Até ao peito meu, que, flammejante,  
Amor consagra a quem o desconhece.

Se conquistar-te um dia a illusão  
De falso galanteio e vã ternura,  
Trahirás de uma vez teu coração,  
Originando-me eterna desventura.

E se, fatal, a opulencia fascinante,  
Pintar-te um céo azul com falsa cõr...  
Antes de entrares no palacio deslumbrante  
Deixa ficar-me, sómente, o puro amor !....

Não me adorna essa hypoerita apparencia  
Onde a vaidade e loucura é distincção ;  
Nem me usano dos setins da opulencia,  
Que perventem um sincero coração !

O amor... é fructo d'alma apaixonada  
Que a natureza a todos igual deu :  
Pois captivo fica um rei d'uma ciada,  
E uma princeza idolátra um pleben !

Nunca affecto tão puro e tão constante,  
Igual ao meu, acharás quem possa dar-te...  
Adeus... que tua visão um só instante.  
Não deixará de seguir-me em toda a parte.

Rio, 15 de Novembro de 1883.

ELEUTHERIO AUGUSTO D'AGUIAR.

## SOGRAS



UJAM !

Corram !  
Escondam-se em qualquer parte :  
Dentro de bahús.  
Canastras.  
Armarios.  
Gavetas, etc...  
Façam buracos na terra com a profundidade de tres, cinco e dez metros, e atirem-se com todo o peso dos corpos...

Ascendam em balões e fujam para as altas regiões ; para bem longe... .

Enrolem-se em encerados e atirem-se na praia, no matto, em qualquer parte... .

Mas, por Deus ! escondam-se !

Fujam !

Corram com toda a velocidade que puderem dar ás gambias.

Desappareçam !

— Ellas ahi vêm ! Aqui d'El-rei !

Ellas ahi vêm como um bando de urubús á procura carniça.

Sogras de todas as qualidades e para todas as classes.

Feias e velhas.

Moças e bonitas...

Altas e magras.

Gordas e baixas.

Más e... boas !

De tudo e para todos.

Fujam, pois !

Sogra exprime :—revolução !

E synymo de vibora.

Na presente época é o que se ouve em qualquer parte, quer de dia, quer de noite.

Nos theatros.

Nas palestras.

Nos contos.

Nas pilherias, em toda a parte.

Sempre as sogras !

E *ellas*, furiosas e freneticas, a praguejarem contra os *calumniadores*, a ruminarem uma vingança, que nunca chegará ao seu termo.

Não pensem agora, caros leitores, que todas as sogras são da mesma qualidade.

Nada, não senhores...

Sogras ? !

Ha-as de tres qualidades.

Sogras de *primeira*, são aquellas que, pelo seu fino rato, bom comportamento, etc., etc... não são geralmente taxadas por *sogras* : seus genros e noras chamam-lhes, docemente : — *mamãi* !...

São consultadas sobre qualquer resolução, chamas das para dar parecer sobre qualquer projecto.

Seus conselhos ouvidos com attenção !

São boas ! !

Amaveis ! ! !

Condescendentes ! ! !

Umas segundas mãis.

Seus genros e noras retribuem-lhes essas afseções com carinhos e obsequios, respeitando-as e amando-as.

As sogras de *segunda*, são de uma variedade espantosa.

A's vezes, são tão impertinentes e teimosas, que chegam a brigas seriamente com seus genros e noras, os quaes, no maior accesso de colera, chamam-lhes : — *minha sogra* !

Outras vezes, tão socegadas e boas, que elles esquecemse completamente que *deellas* são sogras, e chamam-lhes : — *mamãi* !

E' conforme a lúa...

Passemos agora para o terceiro caso :

Sogras de *terceira* e ultima qualidade.

Alerta, rapaziada ! ! !...

Tudo o que ha de ruim e pessimo em sogras, está classificado neste ultimo caso.

Estas *sogras* são as que representam, revolução.São *viboras*.

Desordeiras.

Garrascas.

*Phantasmas* !

Emfim, o que se pôde conceber de máo.

Cabam-se de ter *cabellinho na venta*...

Em casa levam constantemente a brigas.

Por uma opinião.

Um passeio.

Um *dito*, etc., etc...Sahe *rolo* !

E agora vereis o que é bom :

Descompostura para aqui, descompostura para lá, gritos d'aqui, ameaças d'acolá...

Todos gritam :

A sogra, o genro, a nora, as crianças, o gato, o cão, etc... .

Um barulho infernal, d'onde se destaca a voz da sogra que se esforça por *berrar* mais alto.

São estas as sogras que abundam mais no paiz.

Portanto, caros leitores, assim que a virdes, fugi !

Correi !

Conhecem-se ás leguas :  
Pela roupa, pela falla, pela phisionomia, pelo modo  
de andar e até pelo... pelo *cheiro*!  
Um cego vê-as.  
Um surdo ouve-as.  
E um paralytico é capaz de fugir d'ellas, como o  
diabo foge da cruz!

Dito isto, um conselho ás sogras, conselho de *amigo*:  
Comprem uma corda de linho, atem-n'a ao pes-  
coço, e zás ! pendurem-se.

Verão como isso é bom... para os genros.

Novembro, 1883.

L. O.  
(Por precaução)

### A' ELLA...

M. G. S. P.

Foi à luz dos olhos teus  
Que elevei minha alma a Deus  
Em fervorosa oração :  
— E nessa prece sentida  
Quanto amor e quanta vida  
Lhe mandou meu coração!...  
  
Foi assim, que, inebriado,  
Quasi louco, desvairado,  
Me rojei, pedindo em vão...  
Pedi, sim, que nesse instante,  
Deu-me o céo força bastante  
P'ra tirar a illusão.  
  
Mas, ai ! que lenta agonia  
Eu não soffri n'esse dia  
Em que desdenhoso — não...  
Recebi em carta amiga,  
De quem dor igual abriga  
Mesmo sendo seu irmão !  
  
Procurei no esquecimento  
Lenitivo no sofrimento,  
Que mais e mais se avivou...  
Embora já sem esperança,  
Vejo-te sempre, creançã,  
Nos lugares onde estou.

CALP.

Rio, Agosto de 1883.



AQUELLA antiga amizade, fidelíssima, que immortalisou Damão e Pythias, dois amigos verdadeiros, um dos quaes ficou preso do tyranno Dionysio, em refens, enquanto o outro, condemnado á morte, ia á sua terra natal pôr em ordem os seus negócios;—daquelle amizade leal, que teve o poder de impellir um soldado grego a entrar, de noite, na tenda de campanha do imperador Aureliano (que punia com a morte aos que tivessem tal ousadia), afim de obter perdão para uns seus amigos, destinados a serem açoitados,—dessa amizade sublime não ha hoje mostras.

Nem devemos estranhar isso, se considerarmos que esses exemplos tiveram lugar em uma éra mais remota do que aquella em que bastou D. João de Castro dar alguns fios das suas barbas honradas para obter milhões, com que fez face ás despezas da reorganização da fortaleza de Diu.

Resurgisse hoje esse famoso governador e tentasse, por igual meio e para o mesmo fim, adquirir qualquer quantia, e eu garanto a quem quizer que D. João de Castro não recolhia *rintem*, mesmo que, n'um impeto de furor, arrancasse toda a celebre barba e a offerecesse em penhor.

O mais que lhe poderiam dar, era o direito a um cubículo em alguma casa de doudos...

Por onde se pôde concluir que, hoje, no *seculo das luzes*, D. João de Castro e quejandos, viveriam ás *escuras*.

Não é, pois, de admirar que, dado o meio especial e moderno em que vivemos, não hajam as amizades sublimes de que ha tantos exemplos na antiguidade.

Entretanto, uma cousa só motiva reparo: é que o sentimento de verdadeira e heroica amizade esteja desaparecendo do coração dos homens, justamente quando mais se grita: — *Liberdade, fraternidade e igualdade!*

Incoherencias do coração...

\* \* \*

Ha amigos que o são por sympathy, e destes nada posso dizer de novo: são muito boas pessoas.

Capazes de tirar a camisa para... se deitarem á fresca !

No mais, são bons para os outros e melhores para si.  
Outro tanto não direi dos amigos *gryphados*.

Dos *amigos*...

Estes dão pannos para... carapuças.

Talhemol-as :

N. N. era muito nosso *amigo*, fazia-nos protestos de sympathy e desfazia-se em amabilidades, com tanta frequencia e gosto que nós deveríamos desconfiar, como o pobre que vê muita esmola.

Em conversas, o nosso amigo ia nos dizendo, *modestamente*, quantas eram as faces do seu talento e aquella pela qual elle tinha maior paixão.

Era pelo theatro.

Um amador !

Em breve fomos convidados para assistir á representação de uma peça, em que o nosso *amigo* fazia de criado tolo.

Nós fomos: vimos o trabalho do nosso *amigo* e não gostamos; tivemos esse defeito...

Se engulissemos a pilula sem fazer caretas, ainda bem...

Mas nós, que julgavamos ter direitos que a amizade concede, dissemos ao nosso *amigo* que o seu trabalho não nos agradava.

Elle fez um riso amarelo e concordou comosco, mas atirou a culpa sobre um incidente qualquer.

Novamente nos convidou. Nós fomos, e o resultado foi o mesmo: não gostamos.

Dissemos-o: o nosso *amigo amou*.

Terceira vez nos fez ir admirar-o, e pela terceira vez nós lhe dissemos que o não admiravamos.

O nosso querido *amigo* calou-se e disse lá consigo :

— Ah ! elle é isso ! Pois esperem !

E nunca mais nos apareceu...

De sorte que nós perdemos a occasião de dizer ao nosso *amigo*, que elle fazia muito bem o seu papel de tolo... sem ir ao palco.

Outro exemplo :

X e Z eram muito nossos *amigos*.

Eram intimos—segundo elles propalavam.

Comiam, bebiam e dançavam... em nossas casas.

— Viva a pandega ! diziam elles entusiasmados.

Encarregavam-se de tudo com abnegação inimitável.

Um dia, porém, dissemos-lhes :

### Amigos gryphados

— Sabeis, oh! amigos, isto de ser sempre a mesma causa aborrece; precisamos de novos attractivos.

— De certo, responderam; *apoia-d-o-dó*.

— Para isso carecemos de... (e fizemos signal de que era de dinheiro que se precisava.)

— Não seja essa a duvida; pela nossa parte, prompto!

— Bom; mas isto não é só por hoje, é para continuar.

Então elles, cheios de *brio*, retorquiram:

— Pois nós somos alguns *pedaços d'asno* que não saímos isso?

Tinham razão esses nossos *amigos*: não eram *pedaços d'asnos*, porque, depois da fanfarronada, desapareceram.

*Pedaços* não fogem: *inteiros* é que elles eram...

E para terminar, dou a palavra a um meu amigo (sem *grypho*), que vai contar um episodio interessante para o caso:

— Eu era amigo de uns Fulanos, rapazes distintos e de bom gosto.

Estava eu, uma noite, muito socegado em minha casa, quando elles, chegando-se a mim, rogarão-me, com muito ardor, que eu fosse a um certo lugar aonde elles iam me esperar, para tratar-se de cousas importantes.

— Que não faltasse, como grande amigo que era, concluiram elles; e retiraram-se.

Não deixei de estranhar aquelle convite nocturno; mas, como os meus *amigos* eram homens de grandes idéas, cuidei que a minha presença teria por fim aprovar alguma.

Nesta persuasão fui; e, chegando ao tal lugar convencionado, lá encontrei, em grupo, os meus *amigos*, que me fizeram uma ovacão—tão importante e necessaria julgavam a minha pessoa.

— Então, disse eu, trata-se de alguma idéa que vai fazer gemer os prelos?

— Não, responderam elles; é cousa melhor... Chamamos-te, porque és nosso amigo e porque anda aqui um grupo de rixa comnosco e nós queremos pegar-nos devérás!

— E chamaram-me para apanhar bordoadas?...

— E dar tambem, acudiram elles.

Caro leitor, cuja cabeça ainda não experimentou a compressão de nenhuma destas carapuças!—se, depois do que disse, não ficas inteirado do que são os tais amigos *gryphados*, faz, tu mesmo, uma experiência: vem-me dizer que eu escrevi *ma-ra-vi-lho-sa-mente*!

Verás então, como eu ficarei sendo o teu maior *amigo*.

Porque, é bom repetir: adquire-se *amigos*, adulando...

Rio, Novembro de 1883.

J. REIS.

#### PRESAGIO

**S**e tu me vires agora,  
Depois que tive as bexigas,  
Has de dizer ás amigas  
Que vaeas deixar-me, senhora.

E' ser cruel. Mas... embora!  
Ao menos cessam fadigas  
E mais não creio em cantigas  
De moças mil. Que melhora!

Mas... nota bem minha bella:  
Com esse passo, cautella...  
Não o des com muita ufania!...

Qne, embora sejas estrella,  
Podes cahir na esparrella  
De te guardares p'ra tia.

A. ONACIREMA.

#### THESE:

*O Brazil tem progredido normal ou anormalmente?*

#### PARECER DA COMISSÃO

Nomeado pelo Exm. Sr. Presidente d'esta associação, relator da commissão, que tem de dar parecer sobre a these acima; venho cumprir, hoje, este dever.

Sendo a these, já referida, de extremo alcance, quer científico, quer litterario, a commissão vio-se coacta, para formular o seu parecer; porém, com o desejo de cumprir o seu dever, envidou todos os esforços para que este parecer fosse elaborado, com o maior criterio possível.

Na verdade, Srs. associados, é em extremo difícil dar uma resposta, quer ella seja afirmativa, quer seja negativa. Se procurarmos dar esta resposta no terreno propriamente científico; qual a pessoa, ou antes, qual o grupo de tres pessoas, que conheça todas as sciencias, tanto quanto seja necessário, para tirar uma conclusão prompta e verdadeira?

Se a encararmos pelo lado puramente litterario, tambem apresenta inumeras dificuldades, pois que para que o parecer se podesse dizer verdadeiro, era miserque a commissão podesse consultar, senão todas, ao menos o maior numero de obras, que tiveram alguma aceitação no tempo em que foram publicados; e os Srs. socios, devem saber se isto se pôde fazer no estado presente, em que se resentem de má organização as bibliothecas que possuímos.

Caminhar anormalmente, quer dizer: caminhar desviando-se de uma norma.

Ora, onde está traçada esta norma, para se fazer termo de comparação? A commissão declara, com toda a franqueza, que tal norma não existe; e não existindo torna-se necessário a criação de uma, e a commissão declina de si este encargo, por sem numero de motivos, entre os quaes sobressahem:

1.º Sua reconhecida falta de ilustração, pois é necessário uma fóra do *commum*.

2.º Porque mesmo se a tal se atrevesse, esta norma não poderia ser boa, pois para que o fosse era necessário ser abstracta; o que a commissão, com quanto não julgue impossível, em todo, acha-o para a vida de uma só geração.

3.º Finalmente, porque não podendo ser abstracta, tinha de ser concreta e annexar-se a qualquer nação ou raça — o que offendria susceptibilidades, e a commissão não quer que, por modo algum, tal facto se dê.

A commissão conclue, pois:

1.º Que esta these apresenta um campo em extremo largo para discussão.

2.º Que a sua discussão, se refira, separadamente, a cada um ramo de conhecimentos humanos para evitar, assim, toda e qualquer confusão.

3.º Que sendo o campo em extremo largo, por esta mesma razão deve ser discutida, pois dá ensejo a que todas as opiniões possam externar-se livremente.

4.º Por ser este o unico meio de determinar uma norma, senão absoluta ao menos relativa, de conducta para o Brazil, na parte que diz respeito á sua civilização.

5.º Que se determine, em absoluto, quaes as causas que concorrem para normalidade ou anormalidade da civilisação do Brazil.

Sala das sessões, 16 de Setembro de 1883.

A commissão,

JORGE DA COSTA, (Relator.)  
PEDRO MOSER.

A. AMERICANO.

## DESENGANOS

Ao anniversario natalicio de minha irma

A vida! que vale a vida?  
Hontem risos, hoje pranto,  
Após o goso o quebranto,  
O inferno apôs o céo!  
A vida... sopro ligeiro...  
Sonho vâo que o pensamento  
Acalentou um momento  
E presto se esvaeceu!!

A vida... um dia de festa.  
E d'entre as pompas e galas,  
Que ostentam douradas salas,  
A morte espreita e sorri;  
E diz á victimâ que passa  
Risonha, alegre e contente,  
— Folga e ri hoje, innocenté,  
— A' manhã ha lucto aqui!

E caminha sempre ávante,  
Sem que a fascine a belleza,  
Nem a seduza a grandeza  
De uma purpura real.  
Ela que passa, funesta,  
E em sua marcha homicida,  
Aqui e alli uma vida  
Pende a seu beijo fatal!

Caminha, calcando aos pés  
Louras mimosas crianças,  
Tepido ninho de esp'râncias  
Sepulta na viuvez!  
Nem os prantos da innocencia  
Nem a prece angustiada  
Da triste mãe, desolada,  
Suspense a morte, bem vês...

Enchuga, amiga, esse pranto  
Que a existencia não merece,  
Nuvem tórrva qu'escurece  
Um frouxo raio de luz.  
Passar tres dias na terra,  
E n'esta curta romagem  
Fallece-t'inda a coragem  
De levar ao termo a cruz?!

A vida não vale o choro  
Que tu derramas e eu vertô.  
Gosemos, que vejo perto  
O tão desejado fim!  
Mas um anno ou mais um dia  
Talvez que seja um momento  
Breve como o pensamento...  
Depois repousemos, sim?

Gosemos filha, gosemos;  
Repara que o dia d'hoje  
E já vida que nos foge  
Para nunca mais voltar!  
Como o d'hontem, volve ao nada,  
O d'amanhã inda incerto  
Pois sempre em abysmo aberto  
Mais vidas ha de engolfar!

Eu quizera n'este dia,  
Tecer-te c'rôa de flores  
E não de espinhos e dores,  
Que só me devem ferir,  
Quizera fall r d'esp'rânça;  
Erguer-te a abatida fronte,  
Em face d'um horizonte  
Todo luz no teu porvir!

Mas não posso, é sina minha  
Converter o riso em pranto  
E as flores de mais encanto  
Em c'rôas de luto e dó!

Bem sabes, se n'este dia  
Meus hymnos não são de festa  
E' que essa sina funesta  
Me arrojou da gloria ao pó.

Mas tu que á vida sorrias  
Colhendo, como a criancá,  
Aqui e alli uma esp'rânça  
No teu florido jardim,  
Curvas a fronte sentida  
Ao sopro dos desenganos?!

Deixa que o gelo dos annos  
A's esp'râncias ponha fim.

Vive e gosa; a vida é isto  
Não lhe peças a ventura  
Que dos teus sonhos n'altura  
Podeste crer e amar!

Pede-lhe breves instantes

D'um goso falso e mentido,

Que das festas no ruído

O mundo pôde offertar.

E vive no dia d'hoje,  
D'estes instantes que passam  
Como as folhas que esvoacam  
Ao sopro da viração.

Não vás buscar ao passado

Tristes sombrias lembrâncias,

Nem cries na mente esp'râncias

Que á manhã fenecerão.

A mente sonha chimeras  
Que a realidade desmente,  
E' miragem transparente  
Dos raios da nossa fé:

Prisma que attrahe e fascina,

Que nos iraz em mago enleio,

Na ce e morre em nosso seio,

E a desgraça fica em pé!

Não sonhes pois, ou teus sonhos  
Guarda em ti como o avarento

Guarda o seu ouro, ciumento

D'algum lhe ver o fulgor.

Não derrames teus thezouros

N'aridez d'um sólo ingrato

Que o mundo sempre abstracto

Não lh'aprecia o valor.

Julho de 1880.

*Uma senhora portuguesa.*  
(Socia correspondente do Centro Litterario)

## Um juramento fatal

(Continuação)



SAVAM quatro horas, o dia vinha já claréando; completava-se naquelle instante as horas de quarto dos nossos doux personagens.

Ainda podemos escutar as ultimas palavras proferidas pelo Trafaria:

— Olhe, Sr. Alberto, a sua derrota já vai muito longa; é melhor deixar para amanhã.

« Agora toca a recolher ao rancho; cá por cima não ha novidade, o tempo está claro, e o navio vae com una marcha regular.

— E's um marinheiro de truz, exclamou Alberto de Magalhães.

Dito isto desceram para o rancho.

Segundo os calculos do capitão, o *Calypso* devia, d'ahi a uns oito dias, entrar em Lisboa, salvo caso extraordinario.

Apenas o capitão desceu para a camara, veio imediatamente substitui-lo o piloto, que reassumio o comando do brigue. Passado alguns minutos, partiu uma voz da prôa:

— Navio á barlavento !  
O piloto tomou o oculo e perguntou ao marinheiro por onde divisava o tal navio.

— Por entre as enxarcias do *traquete*, Sr. piloto !

Em quanto o piloto applicava o oculo para ver que navio era e a que nação pertencia, os marinheiros conversavam, animados, sobre a manobra do novo navio:

— Olha como o *raio orça* ! E vem para cima de nós que tem diabo ! dizia um dos mais entendidos.

— E' inglez, disse o piloto, depois de ter examinado ; e é uma barca *patife* e bem acabada ; vem na nossa *bordada*. Iça a bandeira : é bom que os Srs. ingleses fiquem sabendo que a navegação portugueza não está totalmente extinta, e que da raca dos bravos marinheiros, restam ainda meia duzia d'elles para os ensinar !

Feitos os signaes que o regulamento exige, cada navio tomou seu rumo, conservando-se, porém, o inglez sempre nas aguas do portuguez.

— Os ingleses, dizia o piloto, sempre querem mostrar a todo o transe que são os mestres da nautica ; por isso acontece constantemente abalroamentos e outras desgraças, occasionadas pelo orgulho inglez, mostrando elles um pouco de ignorancia quanto a tactica naval. O inglez é um habil marinheiro, mas nas occasões em que depende dos seus calculos e da sua pericia nas manobras, a salvação de muitos, é justamente nesse momento que a sciéncia ingleza nanfraga, arrastando consigo muitas victimas.

— Dá isto lugar a acreditarmos que, durante o temporal, o inglez não se conserva firme no seu posto.

« Esmorecido um marinheiro de Sua Magestade Britanica a ruina do navio é inevitável ; porque enquanto as ondas furiosas batem no costado do navio, o panno roto e o leme partido—as rolhas das garrafas do magnifico Rhum elevam-se ás alturas dos mastareós, e o liquido das ditas escorre paulatinamente nas guelas dos marinheiros britanicos :

« A Cesar o que é de Cesar. »

Durante o dia o navio inglez conservou-se á vista do portuguez, mas nunca levando-o de vencida.

A's horas do costume, Trafaria e Alberto de Magalhães vieram para o quarto. Trafaria affirmava que o tempo estava seguro.

— Continue Sr. Alberto, sempre quero ver o desfecho da sua derrota.

— Declarou-se a gravidade da molestia de meu pae, disse Alberto. A sua doença era fatal.

« Um dia chamou-me ao seu quarto, apresentei-me imediatamente.

— Alberto, disse meu pae, conheço que tens propensão para a vida do mar ; mas, por conselho de alguém, podes muito bem (deixando eu de existir) abraçar outra carreira. Ora, como eu tenho gosto que sigas a minha vida, vou fazer-te um pedido que talvez não te seja pedido satisfazel-o.

« Sei que és creança para poderes tomar a responsabilidade de um acto qualquer ; porém, conhecendo o teu comportamento para poder assegurar o bom exito d'este meu pedido. »

— « Falle meu pae que será attendido ; eu saberei dar o valor que merecem as suas palavras, e juro cumprir á risca o que me dictar n'este momento.

— « Alberto, disse então meu pae ; seguindo a carreira marítima tenho fé que a *Syracusa* será um dia governada por ti. Ao pé do *catavento*, contemplarás, orgulhoso, as nossas quinas, que se ostentam altivas no penol da mesena, alli mesmo onde eu outr'ora contemplava o horizonte, com o rosto alegre, mesmo durante a tempestade, ouvindo o sibilar do sudoeste por entre as enxarcias, e o rugir medonho das vagas a varrer o convéz ; e o fuzilar dos relampagos na prôa do navio, os trovões ribombando por cima dos tópes dos *mastareos*, e todo esse espectaculo que a natureza põe ante os olhos dos homens ; e nem sequer mudava o tom da voz de commando.

« Pois bem, Alberto ; segue as minhas pégadas e saberás honrar o teu e o meu nome.

INNOCENCIO CRUZ.

(Continúa).

## FACTO SABIDO

(A DUARTE PORTO JUNIOR)

De incessante trabalho nocivo,  
Mil vezes mais cruel que a morte,  
E o viver d'aquelle, cuja sorte  
O tornou da fortuna esquivo.

E esse homem infeliz, mas brioso,  
Que se entrega ao labor, sitibundo,  
Quando ao lar se acolhe, amoroso,  
Sente-se homem ditoso no mundo ;  
  
Pois no meio da árida lida,  
Quem o faz ter apêgo á vida  
E' um ser que o attrae e seduz...  
  
Tem pésinhos de fino lavor,  
Alvo seio arfando de amor,  
Bellas olhos banhados de luz...

Novembro 15 de 1883.

*Minimus.*

## DESCRENÇA APÓS A ESPERANÇA

Flor da esperança em galho deslocado,  
Murcha, vacillante, inerte, sucumbida !  
Levou-te o aroma o furacão irado,  
E de tuas pet'las te deixou despida.

Já não existes, ó flor da esperança,  
Único alimento que minh'alma tinha !  
Que, sem os beijos de tépida bonança  
Era-te impossivel o viver, florzinha !  
  
Vejo nos jardins e prados verdejantes  
Peregrinas flores a vicejar, pujantes...  
Só tu não vives... Que cruel sentença !  
  
E seria tão bello teu viver de flor !  
Dentro de meu peito — um jardim d'amor —  
Onde já nã existirá mais crença !

JOÃO BRUNO.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida à secretaria do Centro Litterario, RUA DE S. PEDRO N. 147 — 1º ANDAR.

Só serão publicados n'esta Revista, os trabalhos litterarios de socios que estiverem quites com a thesouraria.

De acordo com um artigo dos nossos estatutos aprovados, haverá expediente na secretaria do Centro Litterario, tres vezes por semana : ás *segundas, quartas e sextas*, das 7 horas da noite até ás 10.

Nesses dias, ás horas mencionadas, os socios que comparecerem, poderão ler os numerosos jornaes e Revistas que a nossa associação recebe, tanto do Brazil como de Portugal.

Temos recebido o seguinte :

Da Corte : — *A Evolução, o Mequetrefe*, periodico ilustrado, *Campeão Lusitano, Revista do Retiro Litterario Portuguez* e a magnifica *Revista Illustrada*.

Da província do Rio de Janeiro : — *Fluminense, O Arauto, O Artista, Carris Litterarios, S. João da Barra, Monitor Fidenciano, Monitor Campista, Tymburiba, Itatiaya e o Vassourense*.

De S. Paulo : — *O Recreio, O Tempo, O Bananal, Nortista, Gazeta da França, Gazeta de Taubaté, Brado da Lavoura* e o excelente *Almanak de Pirassununga*, publicado pelo Sr. Motta Junior.

De Minas : — *O Monitor Uberabense, Gazeta de Uberaba, Arauto de Minas, O Baependyano e o Livro do Poco*.

Do Espírito Santo : — *O Horizonte e o Espírito Santense*.

Da Bahia : — *A Gazeta da Tarde, O Guarany, O Regenerador e o Echo Maragogipano*.

Do Maranhão : — *A Pacotilha*.

De Alagoas : — *O Estandarte, O Papagaio* e o 1º e 2º ns. d'*A Instrucção*, orgão do collegio José de Alencar, que tem muito bons artigos, por onde se pôde aquilatar do progresso d'aquelle collegio.

De Sergipe : — *O Guarany e o Democrata*.

Do Ceará : — *O Cearense*.

Do Pará : — *O Diário de Notícias*.

Do Rio Grande do Sul : — *O Labaro e o Echo Lusitano*.

De Portugal : — *A voz do Douro, A Sentinella da Fronteira, O Alto Minho, O Príncipe de Janeiro, A União, Aurora do Carado e o espírituoso Sorvete*.

Agradecemos todas estas offertas e pedimos desculpa se deixamos, como é possível, de mencionar algumas.

*Uma noiva masculina*, comedia em um acto por J. C. Ribeiro da Silva. Recife, 1883.

Recebemos esta bem impressa comedia ; e, como o seu auctor desejassem o *nossa juizo*, lembramo-la : está para o gosto das plateias modernas como a pimenta para os guloses. É uma boa comedia, *apimentada*, á parte alguns descuidos de linguagem, que talvez sejam desejados de revisão. Felicitamos o auctor e agradecemos a offerta.

Recebemos o 1º numero d'*A Luz*, promettedor orgão do Centro Litterario e Scientifico José de Alencar.

Agradecemos.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda, 31.